

Revista Portuguesa
de História

via mística do Islão, de tal modo pura e sublimada em homens da estatura de um Algazel, o *vivificador* da teologia, de um Abu Madiane, o *polo* (*qutb*), universalmente reconhecido e amado, ou de um Ibn Alarife, com o forte deslumbramento do misticismo carmelitano espanhol. Eis o trabalho a que D. Miguel consagra os derradeiros tempos da sua vida operosa. Esse fragmento, que constituía aproximadamente um terço da obra em preparação, e que o mestre considerava, no dizer de García Gómez, «capital y coronación de sus (...) estudios sobre mística musulmana», começou-o a publicar em 1944, como ficou dito, a revista *Al-Andalus*, que ele fundara»e enriquecera.

Assim, quando se completar o texto que o autor ainda pôde redigir, ficarão apenas por publicar certas notas não elaboradas, nas quais se fazia principalmente o confronto da doutrina muçulmana com os textos cristãos.

JOAQUIM FIGANIER

Marc Bloch

Mais do que qualquer outro historiador contemporâneo, Marc Bloch parecia destinado a exercer uma acção fecundíssima na nossa formação de aprendizes de história.

De facto, esse Judeu que considerava que o Cristianismo alargara a generosa tradição dos profetas hebreus; esse Francês que se sentia vinculado à herança espiritual e à história da sua pátria, e que por isso se julgava incapaz de conceber outra onde pudesse respirar à vontade ; esse Homem que soube proclamar que considerava a condescendência com a mentira, sob qualquer pretexto, como a pior lepra da alma (*); é, sem dúvida, uma das mais extraordinárias vocações de historiador de todos os tempos.

Assassinado no dia 16 de Junho de 1944 por um inimigo implacável, que não soube respeitar a sua situação de prisioneiro, Marc

(9 Do testamento espiritual de Marc Bloch, escrito a 18 de Março de 1941, e publicado nos *Annales d'Histoire Sociale*, 1945 (Hommages à Marc Bloch).

Bloch, que contava então 58 anos, deixou uma obra que, sem ser extraordinariamente extensa ⁽²⁾, abre, como um clarão, novas perspectivas à História, substituindo o velho conceito de *ciência do passado* pelo de *ciência do homem* ou, melhor, *dos homens* — dos homens no tempo — ciência que não decompõe o homem em funções separadas, mas que o mete inteiramente em si próprio. Por isso a história evoluiu com o homem, e como ele *é* engenhosa, *é* activa ⁽³⁾.

De facto, continua Lucien Febvre, a História — a História de Bloch — não deixa nunca o historiador passivo, como servo inconsciente do documento. Não: o espírito *é* que procura, o espírito *é* que guia — o espírito que corre entre os factos como o fogo entre a urze ⁽⁴⁾.

Marc Bloch deixou um breve estudo de metodologia histórica que, sendo o reflexo da sua visão de historiador, *é* em grande parte um programa de trabalho para os jovens historiadores. Mas esse livrinho, escrito entre «as piores dores e as piores ansiedades pessoais e colectivas», como um antídoto a que o autor recorreu para obter um pouco de equilíbrio da alma ⁽⁵⁾, *é* alguma coisa, mesmo muito mais : *é* a mensagem de um espírito a afirmar-se com uma pujança tal, que se nos afigura perene — a mensagem de um homem que vive a História não como um antiquário que se satisfaz do que envelheceu e acabou, mas como um verdadeiro historiador cuja qualidade fundamental *é* a apreensão do que *é* vivo, do que, como tal, continua ⁽⁶⁾.

E como se sente que esse homem vive a sua própria experiência, afirmando-se sempre como uma peça inteira em que não há uma quebra ou um desvio — uma insinceridade!

Este espírito de coerência fê-lo apóstolo de nobres ideais — e

(2) Não devemos, porém, esquecer que Bloch, tendo vivido só 58 anos, fez duas longas guerras; e, sobretudo, que, além dos seus livros, há a considerar a colaboração que deu aos *Annales*, colaboração essa que se impõe não só pelo seu mérito, também pela sua extensão.

(*) Vide L. Febvre: *De VHistoire au martyre: Marc Bloch (1886-1g 44)*. *Ibid.*, págs. 6 e 7.

(«) *Ibid.*, pág. 7.

(5) *Apologie pour VHistoire ou Metier d'historien* : A' Lucien Febvre, en manière de dédicace.

(6) *Ibid.*, págs. 13 e 14.

do apostolado caminhou em linha recta para o heroísmo, e daí, numa vertigem, para o martírio ! Morreu para viver melhor, legando, não apenas à sua pátria, mas à Humanidade, um dos exemplos mais belos, mais impressionantes da força do espírito que é capaz de se afirmar como tal sem tergiversações.

Não basta, para se apreender a obra de Marc Bloch, ler os seus livros. De facto, talvez nenhum deles conserve tanto o sabor da sua actividade mental como os *Annales d' Histoire économique et sociale* que, com Lucien Febvre, fundou em 1929.

O programa, produto de uma colaboração perfeita, traçando directrizes e expondo idéias — essas ideias que Marc Bloch confessa não saber, em consciência, decidir se são dele, se são do seu companheiro de trabalho, ou se são de ambos (7) — o programa, dizia, é como que um prêgo a clamar a necessidade de íntimo convívio entre os historiadores.

«A História, já foi dito, vive de comparações e de paralelos» (8). Mas não basta para isso pôr os textos lado a lado. E preciso mais : é preciso haver troca constante de idéias, poder abranger horizontes comuns.

Nada melhor — dizem os *Annales* — do que cada um, praticando uma especialização legítima, cultivando laboriosamente o seu próprio jardim, esforçar-se por acompanhar o trabalho do seu vizinho. Mas os muros são tão altos que, por vezes, impedem a vista. E, no entanto, quantas sugestões preciosas sobre o método e sobre a interpretação dos factos, que enriquecimento de cultura, que progresso na intuição se operariam se, entre os diversos grupos, se estabelecessem permutas intelectuais mais frequentes ! E este o preço do progresso da história económica, como é também o da justa compreensão dos factos que amanhã serão a História» (9).

Ora, é contra esse isolamento, a gerar temíveis cismas, que querem lutar Febvre e Bloch — lutar não a golpes de artigos de método, de dissertações teóricas, mas pelo exemplo e pelo facto. E os dois apóstolos do mesmo ideal terminam por um acto de fé

(7) *Ibid* Lucien Febvre.

(8) P.º David : *A Sé Velha de Coimbra das origens ao século xv*, pág. 6.

(9) *A nos lecteurs*, t. 1, págs. 1 e 2.

na virtude exemplar do trabalho honesto, consciencioso e sólidamente apetrechado ⁽¹⁰⁾.

Realmente, a acção dos *Annales* é uma acção de apostolado, como toda a acção verdadeiramente docente. E é neste clima, que implica espírito de sacrifício que vai até à renúncia, que passa a desenvolver-se toda a actividade mental de Marc Bloch. Quantas dificuldades e quantas incompreensões se adivinha que houve de vencer através de uma marcha segura, mas esgotante, para a consecução de uma obra intensamente vivida!

A colaboração que Marc Bloch deu aos *Annales* é multiforme : desde as pequenas notas de crítica ágil e certa até aos artigos mais extensos, produtos de uma elaboração mental longamente amadurecida.

Apreciando os trabalhos do iv Congresso Internacional de Ciências Históricas reunido em Oslo em 1928, Bloch proclama que «a divisão dos temas a versar, irracional em princípio, é, levada ao extremo, não só, na prática, absolutamente incómoda, mas até, no plano intelectual, nefasta, por mascarar a unidade profunda dos períodos e das evoluções». Por isso, a Comissão Francesa propusera a «escolha de algumas grandes questões sobre as quais historiadores qualificados redigissem relatórios que seriam * impressos e distribuídos aos congressistas para servirem de base à discussão». E Bloch comenta: «o método não está ainda apurado, mas o futuro parece nos estar desse lado. Centrar a actividade do congresso em torno de um certo número de grandes problemas de interesse internacional, cuidadosamente escolhidos e delimitados, numa palavra, substituir ao agrupamento factício por secções o agrupamento por problemas, eis o ideal de que é preciso aproximarmo-nos» ⁽⁴¹⁾.

Bloch vê bem o problema. O futuro lhe dará razão. Mas, ainda que assim não fosse, ficaria o princípio de que, afinal, os *Annales*, cujo aparecimento foi então anunciado, são a expressão — e expressão fecundíssima.

Obra de doutrinação, portanto. De facto, um espírito como o de Marc Bloch não podia limitar-se a ser um simples historiador. Tinha de ser também (quase ia a dizer sobretudo — tão vivos e

⁽¹⁰⁾ *Ibid.*, pág. 2.

⁽¹¹⁾ *Annales cit.*, t. I, págs. 72 e 73.

penetrantes são os seus conceitos) um teorizante da História. E a sua perspicácia, a sua agilidade de espírito leva-o, por vezes, a tirar do método comparativo, como quem brinca com as fórmulas, efeitos surpreendentes.

Esta passagem apenas, que reproduzo em francês para não lhe diminuir o sabor :

«Ne jamais dissimuler les difficultés profondes, les divergences frappantes entre les solutions proposées, car ces imperfections débarrassent l'histoire de ce masque de science morte et figée qu'une littérature facile lui attribue». E Bloch comenta : «La formule est belle. Mais — qu'on me pardonne cette innocente supercherie— j'y ai changé un mot: car l'original portait, au lieu d'histoire, astronomie, et elle est tirée d'un livre, destiné à un large public cultivé, sur le *champ solaire*» ⁽¹²⁾. E conclui graciosamente : «Les historiens auraient parfois intérêt à prendre modèle sur les astronomes» ⁽¹³⁾.

Uma vocação tão acentuadamente docente havia de se manifestar em todas as oportunidades. E assim é que não há, a bem dizer, uma página sua que não contenha uma lição de método ou de doutrina.

A sua crítica do ensino das Humanidades e particularmente da História é, apesar de apenas esboçada, notavelmente perspicaz.

Manifestando-se contra «o sistema estreito de programas e de exames que nos asfixia», não hesita proclamar «quanto a vida espiritual das Universidades perde com ele em iniciativa, em facilidade de produção científica, em possibilidade de renovação, sobretudo». E pergunta: «Como poderá rejuvenescer os seus métodos um ensino que perpétuamente obedece?»

Depois, termina com um queixume que é simultaneamente uma grave advertência :

«O mal em si mesmo é tão grave, ameaça com tais perigos simultaneamente o nosso desenvolvimento intelectual e a nossa irradiação no estrangeiro, parece estar tão longe de ser sentido pelos nossos reformadores oficiais, que necessário se torna não perder nenhuma oportunidade de repetir o grito de alarme» ⁽¹⁴⁾.

⁽¹²⁾ P. Couderc: *Dans le champ solaire*, 1932.

⁽¹⁵⁾ *Manuels ou synthèses ? (Annales*, v, pág. 71).

⁽¹⁴⁾ *Annales* cit., t. v, pág. 55g. Bloch retoma o assunto, de colaboração com L. Febvre, no artigo *Pour le renouveau de l'enseignement historique*, em

Por outro lado, Marc Bloch reclama a formação de novos meios de aprendizagem da História, referindo-se, com a acuidade do historiador afeito à meditação dos problemas económicos, à necessidade de promover o ensino da estatística, especialmente da estatística histórica, que deveria tomar, entre as chamadas ciências auxiliares, o lugar de primeiro plano que lhe cabe ⁽¹⁵⁾.

Mas o amor da exactidão minuciosa, a convicção de que é, por vezes, um dado ou um pormenor que decide sobre o carácter de uma grande construção histórica, não lhe embaraça o espírito profundamente sintético — aguça-o até. Assim pôde dizer:

«Com o auxílio de mil pequenos traços de uma realidade maravilhosamente diversa, reconstruir, pouco a pouco, uma imagem de conjunto mais exacta, mais matizada portanto, nada melhor ; é a ambição de toda a investigação científica. Mas — será preciso lembrá-lo ? — a investigação não poderá aproximar-se sequer dessa finalidade ideal senão sob a condição de começar por seguir o caminho oposto : antes de ir do particular para o geral, pedir a um amplo horizonte os meios de classificação e interpretação dos mínimos acidentes da paisagem» ⁽¹⁶⁾.

Com esta orientação — com este espírito — Marc Bloch pôde conviver intimamente com a alma medieval, compreendê-la. E só assim podia ter escrito: «Para quem sabe lê-los, não há leitura mais viva — ousamos dizer, mais divertida — do que a desses livros, aos olhos de um profano tão sombrios, que são os nossos velhos cartulários do Ocidente» ⁽¹⁷⁾.

A subtileza e a vivacidade do seu espírito marcar-lhe-iam o pendor para a história social e económica tão intimamente relacionadas.

que exprime o voto de que «o ensino das Faculdades se torne capaz de se harmonizar com a investigação, e seja restituído a esse clima de liberdade fora do qual todo o trabalho intelectual é votado à esclerose». (*Ibid.*, ix, pág. 129).

⁽¹⁵⁾ *La vie rurale : problèmes de jadis et de naguère*. III — Problèmes démographiques (*Annales* cit., II, pág. n3).

⁽¹⁶⁾ *Féodalité, Vassalité, Seigneurie : à propos de quelques travaux récents*. IV — La seigneurie rurale (*Annales* cit., in, pág. 260).

⁽¹⁷⁾ *Ibid.*, I — La notion de féodalité, les «féodalités» hors d'Europe, pág. 249.

De facto, Bloch foi sobretudo — ou talvez mesmo exclusivamente — um historiador das instituições sociais e económicas da Idade-Média. E que foi sempre o homem, no que tem de mais vivo e mais complexo — o seu espírito — que sobretudo o interessou. Ia mesmo a dizer : foi este humanismo tão profundamente vivido que o fez historiador. Não diria ele mais tarde, desabusadamente, que «o bom historiador se assemelha ao ogro da lenda ; onde cheira a carne humana, aí está a sua caça ?» (18).

E porque desvendar o espírito do homem será sempre atentar nas suas sombras, prescrutar as suas mais recônditas antinomias, o método de Bloch no plano social não podia ser diferente (19). Por isso acentua, pondo-nos de sobreaviso contra as definições demasiadamente claras, que «um sistema social é uma realidade toda de movimento, em perpétua transformação». E interroga : «Será, porventura, possível que um tal sistema possa deixar de ser definido pelas suas próprias tendências a uma incessante metamorfose, segundo direcções de desenvolvimento que serão, porventura, os seus sinais mais claramente distintivos ?» (20).

Assim, as diversidades sociais, geralmente bastante bem sentidas pelos contemporâneos, foram quase sempre muito mal expressas por eles ; mudando facilmente de significado no decorrer dos tempos, nem por isso mudou a maneira de se exprimirem. «Porque, no fundo, — observa certamente Bloch — não há nada mais instável do que uma classe, mesmo que seja; em princípio, juridicamente determinada — e isto sobretudo numa época que não se regia por um código escrito». E exemplifica: «A mesma palavra — *servus* ou servo — designa o escravo do grande proprietário merovíngio, o homem de corpo do século XII e o servo de mão-morta do fim do Antigo Regime. Três realidades, separadas, no entanto, por profundos contrastes. O erro de muitos historiadores

(18) *Apologie pour VHistoire* cit., pág. 4.

(19) Já vimos que Bloch considerava que, por natureza, o objecto da História é o homem ou, melhor, os homens, porque «o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência do diverso» (*Apologie* cit., pág. 4). Por isso, corrigindo a fórmula de Fustel de Coulanges — «a História é a ciência das sociedades humanas» — observava: «É talvez reduzir excessivamente, na História, a parte do indivíduo ; o homem em sociedade e as sociedades não são duas noções exactamente equivalentes» (*Ibid.*, pág. 110).

(20) *Féodalité* cit., I (*Annales*, ui, pág. 248).

parece ter consistido — acentua o Historiador — em atribuir às classes uma espécie de existência em si próprias». E conclue: «No entanto, o que é uma classificação social senão a ideia, ao mesmo tempo variável e terrivelmente difícil de traduzir pela linguagem, que os homens em sociedade fazem da sua própria hierarquia?»⁽²¹⁾).

A profunda admiração de Marc Bloch por Henri Pirenne, que considerava um historiador integral⁽²²⁾, não o impediu de repensar os problemas que o grande mestre belga procurara resolver ou julgava mesmo ter resolvido. Pelo contrário, talvez até o levasse a isso, porque, como diria mais tarde, é uma prova de fidelidade à lição do mestre criticá-la com toda a liberdade⁽²³⁾.

Por isso a crítica de Bloch à construção de Pirenne é tão penetrante. Como que se sente que teve o propósito de a refazer sem se impor a menor reserva. E pôde assim, realmente, prestar a melhor homenagem à lição do Mestre.

Para ele, a conhecida tese de Pirenne, de que a civilização mediterrânea continuou, mais ou menos intacta, até à cesura provocada pela invasão muçulmana, «tem o mérito, que tem todas as grandes hipóteses científicas, de nos levar a reflectir sobre os nossos postulados tradicionais, de nos levar talvez até a remodelá-los. Há, portanto, que esperar que os historiadores da sociedade medieval enfrentem este problema, atacando-o corpo a corpo»⁽²⁴⁾.

Mas, o problema da ruína do comércio mediterrâneo — dada a falta de fontes entre os sécs. vi e ix (as da 2.^a metade do período merovíngio são de uma insigne indigência) — é sobretudo um problema de construção de curva ; ou, em outros termos, para colmatar a lacuna que essa carência de fontes abre, necessário se torna interpolar. Mas como ?

«Duas soluções, *a priori*, se podem conceber : ou um declínio progressivo, ou, como Pirenne propõe, uma mudança brusca por

⁽²¹⁾ *Ibid.* III — Les classes (*Annales*, vi, pág. 253).

⁽²²⁾ *Henri Pirenne, historien de la Belgique* (*Annales*, iv, pág. 479).

⁽²³⁾ *Apologie* cit., pág. 109.

⁽²⁴⁾ *Classification et choix des faits en histoire économique : réflexions de méthode à propos de quelques ouvrages récents.* (*Annales*, i, pág. 255).

meados do séc. vu. Mas, entre os extremos deste dilema, como escolher ?

«Por minha vez — continua Bloch — não estou convencido de que tenhamos de renunciar ao contributo dos próprios testemunhos contemporâneos : a arqueologia monetária, especialmente, parece atestar uma fuga a bem dizer progressiva do ouro. No entanto, para determinar a construção mais provável, é sobretudo para o seguimento geral da curva, durante os estádios imediatamente anteriores, que convém olhar em primeiro lugar» (25).

«Na verdade — como Bratianu lembrava recentemente com muita insistência (26) — em face do Oriente e da África, povoados de cidades imensas, as regiões ocidentais do Império, com as suas modestas povoações constituídas por soldados, funcionários e mestreiros, desempenhavam, de há muito, o papel de um país economicamente atrasado e dominado pelos seus vizinhos mais ricos. A fuga do ouro em que se denuncia justamente um dos mais evidentes sintomas de um negócio mal equilibrado, não esperara pela chegada dos bandos árabes para manifestar os seus efeitos : a má reputação do soldo de ouro gaulês era corrente desde Gregorio o Grande, ou antes, desde Majoriano, em 458. Como poderia, assim, este Ocidente conservar um grande poder de compra, se tinha tão pouco que vender ?

«Sempre que se procuram assinalar essas possibilidades de exportação, a palavra que imediatamente nos ocorre é a de escravos. Com efeito, podemos admitir a sua expedição em quantidades relativamente consideráveis para a Espanha muçulmana ; e este tráfico devia continuar ainda depois dos tempos carolíngios. Mas para os países helénicos e para o Levante ? Só as fontes bizantinas ou árabes poderiam responder, mas não parece que tenham sido até agora interrogadas a este respeito muito metodicamente. No entanto, o pouco que se entrevê não permite sequer supor um tráfico bastante intenso» (27).

(25) *La dernière oeuvre d'Henri Pirenne. (Annales, x, págs. 327 e 328)*

(28) *La distribution de l'or et les raisons économiques de la division de l'Empire romain, in Istros, t. I. (Cit. in Annales, vu, pág. 478, n.º 1).*

(27) *La dernière oeuvre d'Henri Pirenne. (Annales, x, pág. 328).*

E, abrindo uma clareira para caminho de novos investigadores, conclue :

«Ê característico que as grandes transformações técnicas da civilização ocidental durante estes primeiros séculos da Idade-Média tenham sido quase uniformemente manifestações de autarquia: assim, a substituição do papiro pelo pergaminho, e a do azeite pela manteiga ou banha» (28).

Uma outra série de reflexões levaria Bloch a considerar a transição do período carolíngio para o que se inicia em meados do séc. xii. Tanto um como o outro constituem zonas mais ou menos claras, mas o período intermédio é mais indeciso. Ora, este hiato sombrio forma naturalmente barreira. E, assim, «os historiadores são levados a descuidar uma época (sécs. x, xi e grande parte do xn) que, no entanto, não foi — apesar de se envolver, a nossos olhos, de alguma obscuridade — menos criadora». E Marc Bloc assinala, sobretudo, entre os grandes movimentos que a dominam, as transformações internas do domínio senhorial, observando: «A oposição clássica entre a pre-Idade-Média (reinos bárbaros, império carolíngio) e a Idade-Média no sentido restrito da palavra, pode defender-se com bons argumentos; mas só poderá manter-se sob a condição de não impor o sacrificio dos tempos intermediários» (29).

Depois, analisando as suas características, Marc Bloch aponta especialmente a interrupção da cunhagem do ouro. E acentua: De facto, «toda a economia repousa, mais ou menos, sobre a circulação dos bens (que são, fundamentalmente, as prestações senhoriais senão uma forma deste vai-vem ?) e, por isso, foi sempre afectada pelas vicissitudes do instrumento das trocas» (30).

Por outro lado, Bloch considera que «toda a descrição da economia medieval tem de ter por base o estudo do domínio senhorial, simultaneamente agrupamento de produtores, centro de trocas e fonte de um grande número de valores lançados a seguir nas prin-

(28) *ibid.*, *ibid.*

(29) *Classification et choix des faits en histoire économique : reflexions de méthode à propos de quelques ouvrages récents. (Annales, 1, pág. 255).*

(30) *Ibid.*, *ibid.*, págs. 256-257.

cipais correntes da circulação. Mas o domínio senhorial, sendo tudo isso, foi ainda mais. Por isso, — acentua Bloch — desvendar as suas origens e o papel que desempenhou, considerando apenas o seu aspecto económico, seria a mais vã das empresas» (31).

De facto — continua — quantos outros problemas relacionados com o poder e o prestígio do senhor, fonte da protecção necessária ao desenvolvimento da vida económica, se põem ao historiador !

Em conclusão: para Bloch «a instituição senhorial não é inteligível senão como um dos elementos de um sistema social fundado sobre relações de protecção» (32).

Ainda uma nota, que revela como a larguesa de espírito do grande Historiador lhe permite uma visão clara, integral, dos factos históricos *in parti pris* económico.

Thompson, nas suas obras sobre a história económica e social da Idade-Média (33), procura descobrir nos movimentos religiosos da meia-idade razões de ordem económica. Bloch observa porém : «Pessoalmente, impressionam-me muito mais os resultados económicos dos fenómenos religiosos». E exemplifica com a história de Cister.

«Nenhuma Ordem — diz o insigne historiador — se desembaraçou tão completamente, nas suas origens, de preocupações de acção secular, e se encerrou tão estreitamente num ascetismo quase eremítico. Mas, precisamente porque esse ascetismo tinha cambiantes originais, a actividade material dos monges brancos enveredou por novas vias ; a própria intransigência da nova regra fez das suas casas agentes de transformação económica de extraordinário alcance». E, concluindo, observa: «Estas reacções tão curiosas do espiritual sobre o temporal — pois o caso dos cistercienses está longe de ser único — não me parecem ter sido sempre suficientemente postas em evidência pelos historiadores da economia. Expulso da teoria, o *homo oeconomicus* encontrará porventura na História o seu último refúgio?» (34).

(31) *Ibid., ibid.*, pág. 257.

(32) *Ibid., ibid.*

(33) In *An économie and social history of the middle ages* (New-York e Londres, 1928), e em outras anteriores.

(34) Artigo cit. (*Annales*, 1, pág. 255).

Além de *L'Ile-de-France (Les pays autour de Paris)*, que apareceu em 1913 na *Revue de Synthèse historique*, Marc Bloch publicou os seguintes artigos nos *Annales d'Histoire économique et sociale* :

La lutte pour l'individualisme agraire dans la France du xv^e siècle. Première partie : *L'oeuvre des pouvoirs d'ancien régime* (t. 11, 1930, págs. 329 a 381). Deuxième partie: *Conflits et résultats* (*Ibid.*, págs. 510 a 543). Troisième partie: *La révolution et le «Grand oeuvre de la propriété»* (*Ibid.*, págs. 543 a 551).

Le problème de l'or au moyen age (t. v, 1933, págs. 1 a 34).

Avènement et conquêtes du moulin à eau (t. vii, 1935, págs. 538 a 563).

Depois, nos *Annales d'histoire sociale*, publicou também, no tomo i (1939) :

Economie-nature ou économie-argent. Un pseudo-dilemme (págs. 7 a 16).

E, no tomo de homenagem à sua memória (págs. 33 a 46), Febvre fez ainda publicar o artigo inédito:

Une mise au point: Les invasions. Deux structures économiques: I — Structure économique du monde romain à la fin du iv^e siècle. II — Structure économique de la Germanie. III — Les invasions et la genèse de l'économie européenne.

Finalmente, nos *Annales. Economies-Sociétés-Civilisations* (2.ª série, 1947, págs. 30 a 44 e 161 a 170), saiu ainda outro trabalho incompleto de Marc Bloch :

Comment et pourquoi finit l'esclavage antique. *

Vamos agora referir-nos, embora sumariamente, aos livros que o grande historiador publicou.

Rois et Serfs ⁽³⁵⁾ é a sua tese de doutoramento na Sorbonne, que lhe foi sugerida pelas cartas de Luís X e Filipe V (de 1315 e 1318), consideradas até então como verdadeiras cartas de alforria dos servos do domínio real.

Estudando a servidão na Ile-de-France, Bloch examinou muitos diplomas de manumissão, e pôde, assim, estabelecer confronto

(35) *Rois et Serfs. Un chapitre d'histoire capétienne*, Paris, 1920.

com aqueles diplomas, verificando não ter razão de ser a originalidade que os historiadores lhe atribuíam, pois constituem apenas um episódio que, embora seja o mais celebrado, não é, certamente, o mais importante.

Rois et Serfs — explica Bloch — é um capítulo da história financeira dos Capetos que tem sido demasiadamente descurado. Por isso o procura reconstituir.

O método de trabalho afirmaria já as qualidades fundamentais do Historiador. De facto, Bloch proclama a necessidade de parar a cada passo para examinar os documentos e não tomar o silêncio deles, fruto de circunstâncias acidentais, por uma prova negativa. E essas paragens obrigam o historiador a discussões críticas, que se devem ligar intimamente à narração, porque a comandam ⁽³⁶⁾.

Será preciso dizer mais para se adivinhar o interesse deste estudo ? Quase diríamos que o seu principal mérito consiste na crítica das fontes, tão perspicaz e elucidativa ela é ⁽³⁷⁾. Mas nem por isso deixa de se afirmar — e com que segurança ! — o espírito sintético de Bloch. Por isso, as conclusões a que chega são tão bem articuladas, tão compreensivas.

Les Rois Thaumaturges ⁽³⁸⁾ é o estudo do carácter sobrenatural da realeza, carácter esse que permitia aos reis curar não só pelo contacto das suas mãos, mas até pela acção de anéis por eles consagrados.

Daí a formação de verdadeiros ritos curativos, que Marc Bloch encara não isoladamente, mas integrados no conjunto de superstições e lendas que formam o «maravilhoso» monárquico. «Ser-

⁽³⁶⁾ *Rois et Serfs*, págs. 11 e 12.

⁽³⁷⁾ Estas fontes são de duas categorias: as contas e as cartas de manumissão. Quanto às contas, Bloch, acentuando «a perda da maior parte das peças respeitantes à gestão financeira do governo dos reis capetos», procura «tirar partido de alguns fragmentos que escaparam ao naufrágio (pág. 40). Quanto às cartas de manumissão o caso é mais complexo, pois é necessário distinguir as que constituem, afinal, simples vendas de servos, das que lhes concedem verdadeiramente a liberdade. Mas destas, a não ser as que foram obtidas por comunas urbanas, só resta uma em expedição original (págs. 40

e 41).

⁽³⁸⁾ *Publications de la Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg. Les rois thaumaturges. Etude sur le caractère surnaturel attribué à la puissance royale particulièrement en France et en Angleterre.* Strasbourg, 1924.

vi-me deles — diz o historiador — como de um fio condutor para estudar, especialmente em França e em Inglaterra, o carácter sobrenatural por muito tempo atribuído ao poder real, isto é, o que — para usar um termo que os sociólogos desviaram um pouco do seu primitivo significado — poderia chamar-se a realza «mística» (39).

E Bloch justifica assim o seu trabalho, a sua curiosidade aparentemente singular:

«Para compreender o que foram as monarquias de outrora, para dar sobretudo conta da longa influência que exerceram sobre o espírito dos homens, não basta esclarecer até ao último pormenor o mecanismo da organização administrativa, judiciária e financeira que impuseram aos seus súbditos ; não basta, tão pouco, analisar em abstracto ou procurar apurar, nos grandes teorizantes, os conceitos de absolutismo ou direito divino. E preciso também observar as crenças e as fábulas que floresceram em torno das casas principescas». E conclui: «Sob muitos aspectos, todo este *folklore* esclarece-nos mais do que qualquer tratado doutrinal» (4a).

Assim, este trabalho, procurando «esclarecer as representações colectivas e as ambições individuais que, mesclando-se umas com as outras numa espécie de complexo psicológico, levaram os reis de França e de Inglaterra a reivindicar o poder taumáturgico, e os povos a reconhecer-lho» (41), é, essencialmente «uma contribuição para a história política europeia no sentido lato, ou seja, no verdadeiro sentido da palavra» (42), isto é, a história que considera os factos sociais, que é, afinal, a sua expressão.

Pensando assim, Bloch procura interpretar racionalmente o «milagre» real, pois — observa — «não basta, evidentemente, rejeitar, sem outra forma de processo, a interpretação antiga porque a razão a não aceita ; o que é necessário é substituí-la por uma nova interpretação que a razão possa aceitar» (43).

A análise que o Historiador faz dos juízos das curas resultantes do toque das lesões escrofulosas é de uma objectividade e

(39) *Les rois thaumaturges*, pág. 19.

(40) *Ibid.*, *ibid.*

(«) *Ibid.*, pág. 409.

(«) *Ibid.*, pág. ai.

(43) *Ibid.*, pág. 410.

de uma prespicácia impressionantes. «O que criou a fé no milagre— observa — foi a ideia de que devia haver aí um milagre; e o que lhe permite perdurar foi não só essa ideia, mas também, à medida que os séculos iam passando, o testemunho das gerações que tinham crido, testemunho esse que, por ser fundado na experiência, não se punha em dúvida (44).

Em 1931, é o estudo sobre *Les caracteres originaux de l'histoire rurale française* que publica, por iniciativa do «Instituto para o estudo comparativo das civilizações» de Oslo que, dois anos antes, o convidara a fazer algumas lições sobre esse tema.

Marc Bloch dá assim conta do espírito com que o escreveu :

«No desenvolvimento de uma disciplina, há ocasiões em que uma síntese, mesmo aparentemente prematura, presta mais serviços que muitos trabalhos de análise ; ocasiões em que, noutros termos, importa sobretudo enunciar bem as questões, de preferência, de momento, a procurar resolvê-las. A história rural, no nosso país, — continua o Historiador — parece ter chegado a este ponto» (45).

Por isso, o que Bloch pretende com o seu trabalho, é lançar uma vista de olhos pelo horizonte, como faz o explorador antes de penetrar nos cerrados onde uma larga visão se torna impossível.

Ao analisar os diversos problemas, Marc Bloch projjira ter sempre em vista que a História é, antes de tudo, a ciência de uma transformação. Mas, para a apreender, para esclarecer um passado longínquo—especialmente a propósito dos regimes de exploração — necessário se torna vê-lo à luz de tempos muito mais próximos de nós.

Por isso a História tem, por vezes, de se ler ao revés. Mas o método não deixa de ter perigos. E, para os evitar, o Historiador recomenda: «Sigamos em sentido inverso a linha dos tempos; mas façamo-lo de período em período, sempre atentos às irregularidades e às variações da curva, sem querer — como se tem feito frequentemente — transpor de um salto o espaço de tempo que vai do séc. xviii à idade da pedra polida (46).

O¹) *Ibid.*, pág. 429.

(45) *Introduction: Quelques observations de méthode.*

(46) *Ibidem.*

Para *Vévolution de VHumanité*, biblioteca de síntese histórica dirigida por Henri Berr, havia Marc Bloch de escrever dois volumes sobre *La société féodale* — os últimos que veria publicados.

Trata-se de uma obra verdadeiramente magistral, em que todas as qualidades do Historiador se revelam plenamente amadurecidas.

No primeiro volume — *La formation des lieris de dépendance* ⁽⁴⁷⁾— que, como observa o Prof. Paulo Merêa, «fica marcando pela amplitude de linhas, pela finura da análise e pela preocupação científica da explicação e da unidade», Marc Bloch procura «integrar as instituições no conjunto social onde elas haurem a própria vida e ressuscitar aos olhos do leitor o *clima* europeu dos séculos viii-xm».

Por isso — acentua ainda o Dr. Merêa—«a organização chamada feudal aparece-nos não como uma combinação seca de noções abstractas, mas sim como uma verdadeira evolução criadora, como a elaboração complexa, no cadinho da história, dum conjunto harmónico de relações entre os homens — entre «entes de carne e osso», como o próprio autor diz algures». Daí a necessidade de recorrer constantemente a dados de ordem extra-judicial, sem nunca perder o contacto com as realidades da vida material e do ambiente espiritual» ⁽⁴⁸⁾.

No segundo volume — *Les classes et le gouvernement des hommes* ⁽⁴⁹⁾ — Marc Bloch, considerando que «a partir da segunda idade feudal as classes se ordenam cada vez mais estritamente, operando-se ao mesmo tempo, e cada vez mais vigorosamente, a reunião das forças em torno de algumas grandes autoridades e de algumas grandes aspirações», estuda a sua organização social, para assim poder responder às interrogações que dominam o seu inquérito.

Por que traços fundamentais esses séculos mereceram o nome que os coloca à parte na nossa história? Que resíduo deixaram aos séculos seguintes ? ⁽³⁰⁾.

⁽¹⁷⁾ Paris, 1939.

⁽⁴⁸⁾ *Bcletim da Faculdade de Direito*, vol. xvi, pags. 255-256.

⁽⁴⁹⁾ Paris, 1950.

⁽⁵⁰⁾ *La société féodale*, li, págs. ni e iv.

«Para Marc Bloch — como nota o Dr. Paulo Merêa — são traços fundamentais do feudalismo europeu: a sujeição da população rústica e a supremacia duma classe de guerreiros profissionais ; o sistema generalizado da «*ternure-service*», ou seja, do feudo no seu significado mais rigoroso; os vínculos pessoais de obediência e protecção que na classe guerreira revestem a forma particular de vassalagem ; enfim o enfraquecimento da idea de Estado e o correlativo fraccionamento dos poderes» (51).

Como em todos os seus trabalhos, é notável a preparação eurística, de uma amplitude verdadeiramente impressionante. De facto, «o seu conhecimento da Idade-Média, de uma excepcional riqueza, é haurido — observa muito justamente Henri Berr — nas fontes mais diversas. Lembremos, especialmente, o auxílio que lhe fornecem a linguística e a literatura: a epopeia, «fidel intérprete da realidade», a poesia lírica, os «*fabliaux*». Frequentemente, por meio de indicações discretas, alarga o seu estudo, abre perspectivas sobre assunto que não pode, que não deve senão aflorar: é o que chama «*mises en place*» e que permite medir toda a extensão do seu saber» (52).

«Marc Bloch mantém, no entanto, — continua Berr — a atitude modesta do investigador prudente de verdade. Assim, não hesita em reconhecer a *horrrível imprecisão* de certos textos, as lacunas da documentação e as da sua própria obra» (53).

Hesitámos fazer aqui referência ao seu livro *L'étrange défaite* (54), testemunho da sua participação na guerra de 1939-1940. Mas é tanto obra do historiador — do historiador que considera que lhe compete, sobretudo, a apreensão do que é vivo, do que, como tal, continua—que entendemos não dever deixar de a assinalar.

De resto, ele mesmo o declara, ao dizer: «Escrever e ensinar a História, tal é, há trinta e quatro anos, o meu ofício, que me levou a folhear muitos documentos de diversa idade, para fazer, o melhor possível, a separação entre o verdadeiro e o falso; que me levou

(51) *Boletim*, cit. pag. 549.

(52) *La société féodale*, 11, Avant-propos, pág. xvii.

(63) *Ibid.*, *ibid.*

(54) *Témoignage écrit en 1940*. Paris, 1946.

também a ver e a observar muito. Porque sempre julguei que um historiador tem por primeiro dever, como dizia o meu mestre Pirenne, de se interessar pela vida. A particular atenção que eu dediquei, nos meus trabalhos, às coisas rurais acabou por me convencer de que, sem se debruçar sobre o presente, é impossível compreender o passado; ao historiador rural não é menos indispensável ter bons olhos para contemplar a forma dos campos, do que uma certa aptidão para decifrar velhos cartapácios. Pois são justamente os mesmos hábitos de crítica, de observação e, espero também, de honestidade, que eu procurei aplicar ao estudo dos trágicos acontecimentos de que fui, afinal, um modesto actor» (55).

Trata-se, de facto, de um testemunho duplamente impressionante: pela objectividade e pela emoção. Como que se fundem na sua personalidade vigorosa o soldado que o foi até ao heroísmo, e o historiador que pôde continuar a sê-lo, mesmo quando chamado a dar o sangue pela pátria — esse sangue oferecido tão generosamente, tão simplesmente, que nem sequer lhe atribuía o mérito de merecer contribuir para a redenção da França (56).

A falsa ideia de que a História se repete, de que, assim, se repetiria o resultado da guerra de 1914-1918, levou um jovem oficial a murmurar atónito: «Teremos de acreditar que a História nos enganou?»

Mas, comenta Bloch, se era isso que se ensinava nas escolas militares, «esse ensino não era a História; em boa verdade colocava-se nos antípodas da ciência que julgava representar» (57). «Porque a História — continua — é, essencialmente, a ciência da variação: sabe e ensina que dois acontecimentos não se reproduzem nunca da mesma maneira, porque as condições nunca coincidem perfeitamente. E certo que reconhece na evolução humana elementos se não permanentes, pelo menos duráveis — mas para confessar, simultaneamente, a variedade quase infinita das suas combinações. E certo também que admite, de uma a outra civilização, certas repetições, senão traço por traço, ao menos nas grandes linhas do seu desenvolvimento; mas é quando verifica,

(55) *L'étrange défaite*, cit., pág. 22.

(56) *Ibid.*, pág. 191,

(57) *Ibid.*, p. 137.

entre elas, condições fundamentais semelhantes. Pode mesmo ensaiar-se a desvendar o futuro: ela não é, creio eu, incapaz de o conseguir. Mas a sua lição não é, de modo nenhum, que o passado recomeça, que o que foi ontem voltará amanhã. Procurando saber como é que *ontem* difere de *ante-ontem* e porquê, a História encontra, nessa indagação, o meio de prever em que sentido *amanhã*, por sua vez, se oporá a *ontem*. Nas folhas de investigação, as linhas, cujos factos passados lhes ditam o traçado, nunca são direitas; a História não vê aí inscritas senão curvas, e são ainda curvas que, por extrapolação, ela se esforça por prolongar na incerteza dos tempos. Pouco importa, para o efeito, que a própria natureza do seu objectivo a impeça de modificar à sua vontade os elementos do real, como podem fazer as ciências experimentais. Para descobrir as relações existentes entre as variações expontâneas dos factores e as dos fenómenos, a observação e a análise são instrumentos suficientes. Por eles a História atinge a razão das coisas e das suas mutações, é, numa palavra, autenticamente uma ciência experimental, pois que, pelo estudo das realidades, que um esforço de compreensão e de comparação lhe permite decompor, consegue, cada vez melhor, descobrir os vai-vens paralelos da causa e do efeito. O físico não diz: «o oxigénio é um gaz porque à nossa volta nunca o vimos senão como tal». Ele diz: «o oxigénio, em certas circunstâncias de temperatura e de pressão, que são, à nossa volta, as mais frequentes, apresenta-se em estado gazoso». Do mesmo modo — conclue Bloch — o historiador bem sabe que nunca duas guerras que se seguem — se, entretanto, a estrutura social, as técnicas, a mentalidade se metamorfosearam — serão a mesma guerra»⁽⁵⁸⁾.

E, no entanto, este historiador, assim preparado para objectivar a História, nem por isso deixa de compreender o valor do sentimento que se impõe ao historiador, porque, sem ele, a verdadeira História lhe escapará — incapaz de a apreender.

Pôde, por isso, afirmar: «Há duas categorias de franceses que nunca compreenderão a história de França: os que não são capazes de vibrar com a lembrança da sagração de Reims; e os que leem sem emoção o relato da festa da Federação». E comenta: «Pouco importa a orientação presente das suas preferências. A sua

⁽⁵⁸⁾ *Ibid.*, págs. 137 e 138.

impermeabilidade às mais belas manifestações de entusiasmo colectivo basta para os condenar» (59).

Ainda uma observação entendo não dever deixar de arquivar aqui, tão justa e tão perspicaz ela é :

— Será vão todo o esforço individual ? «Perante o jogo de forças maciças, de uma irresistibilidade quase cósmica, que podem as pobres gestas de um naufragado?»

Marc Bloch responde sem hesitar, com uma sentença definitiva:

— «É interpretar mal a História». E explica: «Entre todos os traços que caracterizam a nossa civilização, nenhum mais significativo do que um imenso progresso na tomada de consciência da colectividade. Aí está a chave de um grande número de contrastes que, às sociedades do passado, opõem tão abertamente as do presente. Uma transformação jurídica desde que se percebe — conclue — não se produz do mesmo modo que se tivesse ficado puramente instintiva» (60).

Assim, continua, «as trocas económicas não obedecem às mesmas leis, quer os preços sejam ou não sejam conhecidos do conjunto dos participantes. Ora, de que é feita esta consciência colectiva senão de uma multidão de consciências individuais que incessantemente actuam umas sobre as outras ? Formar uma ideia clara das necessidades sociais e esforçar-se por a retomar é, por isso, introduzir um novo grão de levedura na mentalidade comum; é tornar possível modificá-la um pouco e, por conseguinte, desviar, de certo modo, o curso dos acontecimentos que são regulados, em última análise, pela psicologia dos homens» (61).

Não me referirei agora à *Apologie pour V Histoire ou Métier d'Historien* (62), a que já aludi algumas vezes no decorrer deste artigo. Trata-se de um trabalho tão rico de ideias e de sugestões, que julgamos indispensável fazer-lhe um minucioso exame crítico num dos próximos tomos da *Revista Portuguesa de História*. Para lá remetemos os leitores a quem a mensagem de uma personalidade tão rica, de um espírito tão fino e tão bem sazornado

(59) *Ibid.* y pág. 183.

(60) *Ibid.*, pag. ;8q.

(«') *Ibid.*, *ibid.*

(62) Paris, 1949.

pela reflexão e pela experiência, por vezes tão cruel, não pode deixar indiferentes.

Glosando os próprios conceitos de Marc Bloch e aplicando-os ao seu caso, eu direi em seu louvor, ao terminar esta notícia, que ele conseguiu, se não desviar, pelo menos alargar o caminho dos historiadores. E, sem ele, esse caminho seria certamente menos firme, e certamente também menos luminoso.

TORQUATO DE SOUSA SOARES

Mons. José Augusto Ferreira

Após uma vida de intenso labor científico, morreu em Braga, a 3i de Janeiro de 1944, Mons. José Augusto Ferreira, que, apesar de octogenário, continuava ainda as suas investigações sobre a história das misericórdias.

Nascido em Braga a 2 de Janeiro de 1860, seguiu os estudos eclesiásticos no Seminário da mesma cidade, onde, após a conclusão do curso teológico, foi professor de geografia, história e literatura, desde 1880 a 189?.

A 8 de Julho deste último ano, foi nomeado pároco de Vila do Conde, tendo-lhe esta vila-museu proporcionado a oportunidade de estudar e promover o restauro dos seus notáveis monumentos.

Tanto aqui como depois do seu regresso a Braga, em 1921, foi sempre um incansável investigador, como o demonstram os seus trabalhos sobre arqueologia, liturgia, arte e história, a sua valiosa colaboração em revistas, e as comunicações que apresentou à Academia das Ciências e a diversos congressos.

Se é certo que alguns dos seus trabalhos estão já superados por investigações de outros historiadores — v. g. os *Estudos histórico-litúrgicos* — ou se ressentem de uma deficiente crítica histórica, como as *Memórias arqueológico-históricas da cidade do Porto* não é menos verdade que Mons. Ferreira nos legou uma obra que, no seu conjunto, é de considerável merecimento histórico.